

UM

Ajoelhada no relvado húmido e perfumado do parque da aldeia, Clara Morrow escondeu cuidadosamente o ovo de Páscoa e pensou em ressuscitar os mortos, o que tencionava fazer logo após o jantar. Ao afastar um fio de cabelo do rosto, acabou por espalhar na cabeça despenteada pedaços de relva, lama e uma coisa também castanha que podia não ser lama. À sua volta, os outros habitantes passeavam-se com os seus cestos de ovos de cores vivas em busca dos esconderijos perfeitos. Ruth Zardo sentara-se no banco no meio do parque e atirava ovos ao acaso, embora de quando em quando se concentrasse e atingisse alguém na nuca ou no traseiro. Tinha uma pontaria surpreendente para uma pessoa tão velha e louca, pensou Clara.

“Também vais esta noite?”, perguntou Clara, tentando dissuadir a velha poetisa de fazer pontaria a Monsieur Béliveau.

“Estás a brincar? Os vivos já são suficientemente maus; porque é que eu quereria trazer de volta um morto?”

E com essas palavras Ruth atingiu Monsieur Béliveau na nuca. Felizmente o merceiro da aldeia trazia um boné de tecido grosso. E felizmente também tinha uma grande estima pela magricela de cabelos brancos sentada no banco. Ruth escolhia bem as suas vítimas. Eram quase sempre pessoas que gostavam dela.

Em circunstâncias normais, ser atingido por um ovo de Páscoa de chocolate não seria nada de especial, mas estes não eram de chocolate. Só tinham cometido uma vez esse erro.

Alguns anos antes, quando a aldeia de Three Pines decidira fazer a sua primeira caça aos ovos no Domingo de Páscoa, o entusiasmo fora enorme. Os habitantes reuniram-se no *bistro* de Olivier, e no meio de bebidas e de Brie distribuíram os sacos com os ovos de chocolate que seriam escondidos no dia seguinte. “Ooohs” e “Aaaaahs” de inveja encheram o

ambiente. Se pudessem à infância. Mas teriam pelo menos o prazer de ver os rostos das crianças da aldeia. Além disso, talvez elas não os conseguissem encontrar todos, sobretudo os que estavam escondidos atrás do balcão de Olivier.

“São lindos.” Gabri pegou num minúsculo ganso de maçoapão, delicadamente moldado, e depois comeu-lhe a cabeça.

“Gabri.” O seu companheiro Olivier arrancou da mão enorme de Gabri o que sobrara do ganso. “São para as crianças.”

“Tu queres é ficar com ele.” Gabriel voltou-se para Myrna e murmurou de modo a que todos pudessem ouvir: “Excelente ideia. Homossexuais a oferecerem doces a crianças. É melhor alertarmos a Maioria Moral.”

Louro e tímido, Olivier corou intensamente.

Myrna sorriu. Ela própria parecia um enorme ovo de Páscoa, negra e oval e envolta num espalhafatoso cafetã em tons de roxo e vermelho.

A minúscula aldeia estava quase toda no *bistro*, reunida em volta do longo balcão de madeira polida, embora algumas pessoas se tivessem instalado nas velhas e confortáveis poltronas espalhadas pela sala. Todas à venda. O *bistro* era também uma loja de antiguidades. Havia etiquetas discretamente penduradas em tudo, incluindo em Gabri quando não se sentia suficientemente apreciado e aplaudido.

Estava-se no início de abril e as lareiras crepitavam alegremente, inundando de luz quente o soalho de tábuas largas de pinho, manchado de âmbar pelo tempo e pelo sol. Os empregados deslocavam-se sem esforço pela sala de traves de madeira, oferecendo bebidas e Brie macio e mole da quinta de Monsieur Pagé. O *bistro* ficava no centro daquela velha aldeia do Quebeque, pois estava situado junto ao parque. De ambos os lados e ligados por portas comunicantes, ficavam as restantes lojas, envolvendo a aldeia num abraço de tijolo envelhecido. A mercearia de Monsieur Béliveau, a *boulangerie* de Sarah, depois o *bistro* e por fim, logo a seguir, a *Livres Neufs et Usagés* de Myrna. Desde sempre que todos se lembravam de ver três pinheiros rugosos na extremidade do parque, como magos que tivessem encontrado aquilo que procuravam. Da aldeia irradiavam estradas de terra batida que serpenteavam pelas montanhas e florestas.

Mas Three Pines era uma aldeia esquecida. O tempo redemoinhava e rodopiava e às vezes embatia nela, mas nunca se demorava muito e nunca deixava grandes marcas. Há centenas de anos que a aldeia se aninhava na palma das escarpadas montanhas canadianas, protegida e escondida e raramente descoberta exceto por acaso. De quando em quando, um viajante cansado subia até ao cimo da encosta e olhando para baixo via, como se fosse Shangri-La, o círculo acolhedor de casas antigas. Um eram de pedra desgastada pelo tempo, construídas pelos colonos que desbravaram a terra de árvores com raízes profundas e pedras resisten-

tes. Outras eram de tijolo vermelho e construídas por Lealistas desesperados por refúgio. E algumas tinham os telhados inclinados de metal típicos das casas quebequenses, com as suas empenas íntimas e alpendres largos. E ao fundo ficava o *bistro* de Olivier, oferecendo *café au lait* e *croissants* acabados de fazer, conversa e companhia e gentileza. Depois de descoberta, Three Pines nunca mais era esquecida. Mas só era descoberta por pessoas perdidas.

Myrna olhou para a sua amiga Clara Morrow, que lhe deitou a língua de fora. Myrna fez o mesmo. Clara revirou os olhos. Myrna fez o mesmo, sentando-se ao lado de Clara no sofá macio em frente da lareira.

“Não andaste outra vez a fumar composto de jardim enquanto eu estive em Montreal, pois não?”

“Desta vez não”, riu-se Clara. “Tens qualquer coisa no nariz.”

Myrna tocou no nariz, encontrou alguma coisa e observou-a. “Hum, ou é chocolate ou pele. Só há uma maneira de descobrir.”

Enfiou-a na boca.

“Meu Deus”, arrepuiu-se Clara. “E ainda achas estranho continuares solteira.”

“Não acho estranho.” Myrna sorriu. “Não preciso de nenhum homem para me sentir completa.”

“Oh, a sério? E então o Raoul?”

“Ah, o Raoul”, disse Myrna sonhadoramente. “Era um doce.”

“Era um verdadeiro ursinho de goma”, concordou Clara.

“Ele fazia-me sentir completa”, disse Myrna. “Mais do que completa.” Bateu na sua barriga, grande e generosa como a própria mulher.

“Olhem para isto.” Uma voz áspera interrompeu a conversa.

Ruth Zardo estava parada no meio do *bistro*, segurando um coelhinho de chocolate como se fosse uma granada. Era feito de puro chocolate preto, com longas orelhas empertigadas e atentas, e uma cabeça tão realista que Clara quase esperou que ele estremecesse os seus delicados bigodes doces. Entre as patas segurava um cesto de chocolate branco e de leite, e nesse cesto havia uma dúzia de ovos também de chocolate, magnificamente decorados. Era um encanto e Clara rezou para que Ruth não estivesse prestes a atirá-lo a alguém.

“É um coelhinho pequenino”, exclamou a velha poetisa.

“Eu também os costumo comer”, disse Gabri a Myrna. “Sou um coelhão comilão.”

Myrna riu-se, mas arrependeu-se imediatamente. Ruth olhou-a fixamente.

“Ruth.” Clara levantou-se e aproximou-se cautelosamente, levando o *whisky* do seu marido Peter como engodo. “Solta esse coelhinho.”

Era a primeira vez que dizia aquela frase.

“É um coelhinho”, repetiu Ruth como se falasse com crianças de compreensão lenta. “Por isso o que é que anda a fazer com eles?”

Apontou para os ovos.

“Desde quando é que os coelhos põem ovos?”, insistiu Ruth, olhando para os seus vizinhos desconcertados. “Nunca pensaram nisso, pois não? Onde é que ele os foi buscar? Em princípio a galinhas de chocolate. O coelhinho deve ter roubado os ovos a galinhas de chocolate que estão agora à procura dos seus bebês. Desesperadas.”

O mais curioso é que, enquanto a velha poetisa falava, Clara conseguia de facto imaginar as galinhas de chocolate a correrem freneticamente por todo o lado à procura dos seus ovos. Ovos roubados pelo coelhinho da Páscoa.

Nesse momento, Ruth deixou cair o coelhinho de chocolate ao chão, partindo-o.

“Meu Deus”, disse Gabri, correndo para o apanhar. “Esse era para o Olivier.”

“A sério?”, disse Olivier, esquecendo-se de que fora ele próprio que o comprara.

“É uma festa estranha, a Páscoa”, disse sinistramente Ruth. “Nunca gostei dela.”

“E agora é recíproco”, disse Gabri, pegando no coelho despedaçado como se fosse uma criança adorada e ferida. Como ele é carinhoso, pensou uma vez mais Clara. Gabri era tão grande, tão avassalador, que era fácil esquecer como era sensível. Até a um momento como este, em que ele segurava delicadamente num coelhinho de chocolate moribundo.

“Como é que celebramos a Páscoa?”, perguntou a velha poetisa, arrancando das mãos de Clara o *whisky* de Peter e emborcando-o. “Fazemos uma caça aos ovos e comemos bolinhos com uma cruz¹.”

“*Mais*, também vamos a St Thomas”, disse Monsieur Béliveau.

“Vão mais pessoas à *boulangerie* da Sarah do que à igreja”, respondeu Ruth bruscamente. “Compram bolos decorados com um instrumento de tortura. Eu sei que acham que sou doida, mas talvez seja a única pessoa verdadeiramente sã aqui.”

E com este comentário desconcertante coxeou até à porta, depois voltou-se.

“Não espalhem por aí esses chocolates para as crianças. Algo de mau acontecerá.”

E tinha razão, tal como Jeremias, o profeta que se lamentava. Algo de mau aconteceu.

Na manhã seguinte os ovos tinham desaparecido. Só encontraram os papéis de embrulho. De início os habitantes suspeitaram que as crianças mais velhas, ou até Ruth, tinham sabotado o evento.

“Vejam bem”, disse Peter, mostrando os restos despedaçados de uma caixa de coelhinhos de chocolate. “Marcas de dentes. E de garras.”

“Então foi a Ruth”, disse Gabri, pegando na caixa e observando-a.

“Vejam só isto.” Clara correu atrás de um papel de embrulho que esvoaçava pelo relvado da aldeia. “Olhem, também está todo rasgado.”

Depois de passarem a manhã a caçar os papéis de embrulho dos ovos de Páscoa e a limpar tudo, a maioria dos habitantes arrastou-se novamente até ao *bistro* de Olivier para se aquecer à lareira.

“A sério”, disse Ruth a Clara e Peter enquanto almoçavam no *bistro*. “Não se estava mesmo a ver que isto ia acontecer?”

“Tenho de confessar que me parece evidente”, riu-se Peter, cortando o seu *croque-monsieur*, o Camembert derretido mal conseguindo manter juntos o presunto com xarope de ácer e o *croissant* de massa folhada. À sua volta agitavam-se pais ansiosos, tentando subornar os filhos que choravam.

“Todos os animais selvagens num raio de vários quilómetros devem ter estado na aldeia ontem à noite”, disse Ruth, fazendo rodar suavemente os cubos de gelo no seu *whisky*. “Para comerem ovos de Páscoa. Raposas, guaxinins, esquilos.”

“Ursos”, disse Myrna, juntando-se a ela à mesa. “Credo, isso é bastante assustador. Todos aqueles ursos a saírem das suas tocas, famintos depois de hibernarem o inverno inteiro.”

“Imaginem a surpresa deles ao encontrarem os ovos e os coelhinhos de chocolate”, disse Clara, entre colheradas de creme de marisco com lascas de salmão, vieiras e camarões. Pegou numa *baguette* estaladiça e partiu um pedaço, que barrou com a manteiga especial de Olivier, sem sal. “Os ursos devem ter ficado a pensar que tinha acontecido um milagre enquanto dormiam.”

“Nem tudo o que acorda é um milagre”, disse Ruth levantando os olhos do líquido âmbar, o seu almoço, e espreitando pelas janelas com pinázios. “Nem tudo o que regressa à vida o devia fazer. Estamos numa altura estranha do ano. Chuva num dia, neve no outro. Não há nada de certo. Tudo é imprevisível.”

“Todas as estações são imprevisíveis”, disse Peter. “Furacões no outono, tempestades de neve no inverno.”

“Mas acabaste de provar o que eu disse”, retorquiu ela. “Consegues identificar a ameaça. Todos sabemos o que esperar noutras estações. Mas na primavera não. As piores cheias acontecem sempre na primavera. Incêndios florestais, geadas mortais, tempestades de neve e desabamentos de terras. A Natureza num turbilhão. Tudo pode acontecer.”

“Os dias mais incrivelmente belos também acontecem na primavera”, disse Clara.